

TECNOLOGIA E INTERAÇÃO

*Y. Shimizu*

Embora tenha sido implantado no segundo semestre de 1995, o PPGTE – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, está apresentando uma apreciável produtividade em pesquisa científica.

Além de preencher quase a totalidade do espaço disponível com artigos científicos e relatos de pesquisas e de coordenar a edição dos seis números da Revista Educação & Tecnologia (que deveria estar inserindo as produções dos programas de mestrado ministrados nos CEFETs do Paraná, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro), está publicando a coletânea “Educação e Tecnologia”, em forma de livro, contendo artigos, ensaios e relatos oriundos das pesquisas levadas a efeito pelos docentes e alunos do aludido Programa do Centro Federal paranaense..

O primeiro volume dessa coletânea recebeu o título “Tecnologia e Interação”, publicado pela Editora CEFET-PR, em dezembro de 1998, com 174 páginas, enfeixando dez artigos e ensaios, tendo como organizador João Augusto Bastos e como revisor o signatário desta resenha.

O artigo introdutório “Tecnologia e Linguagem”, de autoria de Carlos Alberto Faraco, doutor em lingüística, ex-reitor da Universidade Federal do Paraná e ex-professor visitante do Programa, focaliza as manifestações de linguagem que cercam a tecnologia; e a própria tecnologia como linguagem, concluindo-o com algumas ilações sobre a Educação Tecnológica.

Os dois capítulos iniciais contêm os ensaios “O Diálogo da Educação com a Tecnologia” e “A Educação Tecnológica – Conceitos, Características e Perspectivas, ambos de autoria de João Augusto Bastos, doutor em Filosofia, ex-superintendente do CNPq, fundador, ex-coordenador e docente do Programa.

Nesses dois textos, “a tecnologia pode ser entendida como capacidade de perceber, compreender, criar, adaptar, organizar e produzir insumos, produtos e serviços” e “como uma maneira de organizar e perpetuar as relações sociais no âmbito das forças produtivas” e a educação tecnológica, como processo de capacitação para a apropriação dos conhecimentos técnico-científicos e dos recursos colocados à disposição da sociedade capitalista. Após especificar as características dessa modalidade de educação, aponta algumas perspectivas norteadoras do desenvolvimento tecnológico do mundo atual, concluindo as considerações com algumas diretrizes e indicativos de natureza política.

Consta um interessante artigo intitulado “Tecnologia e Sociedade”, de Marília Gomes de Carvalho, doutora em Antropologia, professora efetiva do Programa, no qual a autora mostra que existe uma interação entre o ser humano, a sociedade e a tecnologia. Para essa abordagem sócio-político-cultural, utiliza-se de exemplos de diferentes contextos sociais, focalizando a análise no momento histórico atual. Pro-

cura, também, chamar a atenção para a importância da visão interdisciplinar na formação dos profissionais de tecnologia.

Os dois ensaios subsequentes são de João Augusto Bastos: “A Educação Tecnológica na Sociedade do Conhecimento”, “O Ensino Tecnológico – Uma Experiência Comunicativa”.

O primeiro explana de modo didático e sumário a complexa teoria da ação comunicativa e da mudança do paradigma (da razão instrumental para a razão comunicativa), do pensador alemão Jürgen Habermas, a pesquisa como instrumento para a construção do conhecimento, a importância da interdisciplinaridade e a mediação da linguagem do trabalho nesse processo. O segundo procura enfatizar a relevância da racionalidade comunicativa e da aprendizagem tecnológica no processo da Educação Tecnológica.

O curioso artigo de Gilson Leandro de Queiroz, mestre em História, doutor em Comunicação e Semiótica, também docente do Programa, intitulado “Método Intuitivo e o Serviço de Remodelação do Ensino Técnico-Profissional”, examina o ensino profissional na Primeira República, por meio de uma das suas variantes fundamentais: o método de ensino, efetuando um estudo de caso do método intuitivo adotado na Escola de Aprendizes Artífices do Paraná e da tentativa de empreender uma padronização de cunho taylorista.

Os três ensaios restantes, de autoria de João Augusto Bastos, receberam os títulos: “O Ensino Médio Tecnológico”, “O Papel dos Centros Tecnológicos” e “Os Centros Federais de Educação Tecnológica”, todos referentes especificamente ao caso brasileiro.

No texto referente ao Ensino Médio Tecnológico, João Augusto examina a questão da importância atribuída à educação científica e a quase inexistência de correlação entre ciência, tecnologia, trabalho e produção até a promulgação da Lei Federal 9394/96, as aberturas oferecidas pelas novas disposições legais e a proposta de um modelo de currículo para o caso específico dessa modalidade de ensino.

O ensaio sobre “O Papel dos Centros Tecnológicos” aborda a questão do novo paradigma do trabalho vigente nesta época de transição para um novo milênio, e dos centros tecnológicos como catalisadores de idéias, métodos e práticas para que possam transformar-se em núcleos: de cultura tecnológica, de educação tecnológica e de inovação tecnológica.

A comunicação final do livro é uma síntese atualizada do livro do autor, “Cursos Superiores de Tecnologia”, apenas no tocante ao âmbito das instituições federais, e focaliza aí: os antecedentes históricos, a legislação pertinente, os fatores e princípios, a avaliação levada a efeito por um grupo de trabalho do Ministério da Educação em 1981, 1986 e 1992, os desafios a serem cumpridos, os cursos nos diversos níveis de ensino e peculiaridades.

O livro em pauta é um subsídio precioso para reflexão ou para pesquisa nas áreas da Filosofia ou da Pedagogia da Educação Tecnológica. Só para citar um exemplo, há o da dissertação de mestrado, recentemente aprovada na Universidade Federal de Santa Catarina, sobre o tema “O Currículo na Educação Tecnológica”, da professora Neusa P.S. Manfredinho.